

Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: Relacionamentos no blog Martelada¹

Alex Fernando Teixeira Primo²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
alex.primo@terra.com.br

Resumo: Este artigo busca demonstrar a diversidade de interagentes com quem um mesmo blogueiro interage e os diferentes relacionamentos mantidos. Através do procedimento metodológico qualitativo utilizado (Primo, 2006) na investigação empírica do blog Martelada, procura-se discutir as dicotomias ego/alter e laços fracos/laços fortes. A pesquisa visa observar não o aspecto de conteúdo, o que é dito, ou meramente as questões tecnológicas envolvidas, mas sim o aspecto relacional das interações.

Palavras-chave: Interação mediada por computador; análise de redes sociais; blog; conversação

Ao fazer citações deste artigo, utilize esta referência bibliográfica:

PRIMO, Alex. Avaliação Qualitativa de interações em redes sociais: Relacionamentos no blog Martelada. In: Intercom 2006 - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Santos. Anais... Santos.

A insuficiência da quantificação de links para o estudo de interações sociais mediadas por computador

A Análise de Redes Sociais (SNA), grosso modo, ocupa-se do estudo das relações entre os pontos³ de uma rede. Para pesquisas desse tipo, o levantamento de dados relacionais é fundamental. Conforme Scott (2000, p. 3), “**Dados relacionais** (...) são os contatos, laços e conexões, os vínculos grupais e encontros, que relacionam um agente a outro e portanto não podem ser reduzidos à propriedades dos próprios agentes individuais [tradução do autor]”⁴.

¹ Artigo apresentado no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação da XXX Intercom, em setembro de 2007, em Santos/SP. Esta pesquisa contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Professor de Comunicação (Fabico/PPGCOM//UFRGS), doutor em Informática na Educação (PGIE/UFRGS), mestre em Jornalismo pela Ball State University; coordenador do Laboratório de Interação Mediada por Computador (PPGCOM/UFRGS).

³ Este artigo utilizará o termo “ponto” em vez de “nó” para evitar confusões com o pronome “nós” que será utilizado mais tarde no estudo empí

⁴ No original, “**Relational data** (...) are the contacts, ties and connections, the group attachments and meetings, which relate one agent to another and so cannot be reduced to the properties of the individual agents themselves”.

Diversos são os programas hoje utilizados para rastrear e mapear redes sociais. Mais do que demonstrar quais são os pontos da rede e suas interconexões, esses mecanismos podem também ilustrar graficamente quais são os pontos que recebem e apontam links, de quem e para onde. Como se sabe, existe uma diferença entre links recebidos (*inlinks*) e links apontados para outros pontos da rede (*outlinks*). Além disso, não se pode supor que todos os pontos de uma rede são democraticamente iguais. Aqueles pontos para qual apontam uma grande quantidade de links, chamados de *hubs*, tem maior valor na rede (Barabási, 2003). Já os pontos que apresentam links recíprocos entre si, supõe-se, poderiam demonstrar um relacionamento mais estreito. Mas como analisar qualitativamente essas redes sociais, buscando-se ultrapassar o risco de matematizar-se relações sociais a partir de uma ilustração estática de uma comunidade virtual, por exemplo? Para que se possa investigar tais dinâmicas é preciso também que se “mergulhe” nestas redes, buscando-se observar qualitativamente os micro-cenários⁵. Para tanto, é importante que interações interpessoais (aí incluídas as interações grupais) sejam acompanhadas no tempo.

Outrossim, deve-se problematizar a aplicação corrente da metáfora de disseminação de epidemias no estudo de processos sociais. Ela vem sendo usada tanto no estudo da disseminação de informações e difusão de inovações, quanto no planejamento de estratégias de Marketing Viral⁶. Não há nada de errado com o uso didático daquela metáfora. O problema reside quando se passa a usar essa ilustração para a compreensão de todo e qualquer fenômeno social. Em outras palavras, não se pode estudar uma conversação apenas através da quantificação da transmissão e reprodução de informações. Nem tampouco se pode avaliar se uma rede é ou não uma comunidade virtual tão somente em virtude do registro de links, sob pena de concluir-se que a constante interconexão automatizada dos computadores de um banco na compensação de cheques constituiria em si um processo comunitário.

Conforme diagnostica Felinto (2007, online), a informação quantificada é vista como um valor supremo no imaginário contemporâneo: “a cibercultura promoveu uma radical ‘informatização’ do mundo – uma visão na qual toda a natureza, incluindo a subjetividade humana, pode ser compreendida como padrões informacionais passíveis de digitalização em sistemas computadorizados”.

⁵ É o que faz, por exemplo, Recuero (2006) em sua tese de doutorado “Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de tipologia baseada no Fotolog.com”.

⁶ O uso da metáfora epidemiológica não poderia ser mais evidente nesta modalidade de promoção de produtos.

É preciso advertir que a transmissão de uma epidemia segue um processo aditivo. Doenças venéreas são um exemplo constante na demonstração dessa propagação em cadeia. Um sujeito, depois de ter contraído o vírus, pode retransmiti-lo a outras pessoas, que, por sua vez, podem passar para outras, e assim por diante. O processo de comunicação humana não segue a mesma lógica. Por exemplo, minha conversa com um físico nuclear durante um jantar (portanto, com o estabelecimento de links recíprocos) não me converte em um novo colega da área. Mesmo que ele busque explicar didaticamente seu atual projeto de pesquisa, nada garante que eu consiga compreender o que ele diz. A partir desta simples ilustração, busco aqui demonstrar como a descrição dos fluxos de informação e da interconexão dos nós de uma rede não são suficientes (ainda que necessários) para o estudo de processos sociais em rede. A descrição de links certamente pode oferecer indícios da relação entre os participantes de uma rede. Contudo, os links podem indicar tão somente um contato em um dado instante. Como se pode investigar que relacionamentos existem (e se existem) entre tais interagentes? E que qualidade têm essas relações?

Um autor referencial nesse debate é Granovetter (1973) e sua proposição de laços fracos e fortes. Ao estudar como as pessoas se informam sobre oportunidades de emprego, o autor observou que havia uma probabilidade maior de obter-se indicações de conhecidos (com quem se mantém laços fracos) do que com familiares e amigos próximos (laços fortes).

Mas pode-se reduzir todos os relacionamentos humanos à polarização de dois grupos homogêneos: laços fortes e fracos? Existem variações qualitativas no interior desses grandes grupos?

É justamente no intuito de observar as diferenças qualitativas que se estabelecem nos relacionamentos interpessoais que apresentei no congresso da Intercom de 2006 uma proposta de estudo baseada no trabalho de Aubrey Fisher sobre as interações interpessoais. Para tanto, utilizei as características qualitativas dos relacionamentos propostas pelo autor para a análise do aspecto relacional em interações estabelecidas no blog Martelada⁷, de Marcelo Träsel.

Na verdade, trata-se do terceiro trabalho que conduzo sobre este blog e sua inserção na comunidade de blogs insanus (Primo; Smaniotto, 2006a, 2006b). Se no primeiro artigo preocupávamos com o estudo da especificidade do processo de conversação através da escrita em blogs, e no segundo buscávamos compreender como interações comunitárias podem

⁷ <http://www.insanus.org/martelada>

emergir entre blogueiros, neste artigo o foco ficará restrito ao estudo dos relacionamentos no blog de Träsel.

Método

Conforme o método exposto anteriormente (Primo, 2006), quer-se aqui observar não o aspecto de conteúdo, o que é dito, ou meramente as questões tecnológicas envolvidas, mas sim o aspecto relacional das interações (Bateson, 1980; Rogers, 1998; Fisher e Adams, 1994; Watzlawick, Beavin e Jackson, 1967). Trata-se de um estudo da “forma” dos relacionamentos (de acordo com a epistemologia da forma, proposta por Bateson), ou seja, dos padrões interacionais construídos no tempo entre os interagentes. Portanto, esta abordagem busca ir além do mero registro de qual blog aponta links para quais outros. Marlow (2004), por exemplo, consideraria esta mera troca de links como uma conversação por si só — o que constitui uma visão reducionista do processo conversacional. Quer-se, isso sim, considerar a historicidade da construção mútua dos relacionamentos. Esta direcionamento parte da perspectiva que a dinâmica interacional não é uma sequência linear, cumulativa e previsível de eventos.

Quer-se investigar as modulações que podem ser encontradas nos dois grandes grupos de laços sociais (fortes e fracos), sugeridos por Granovetter, e para além deles. Além disso, quer-se também mostrar que a recorrência não é determinante para que um laço fraco se transforme em forte, como se poderia supor. Finalmente, através deste levantamento, poder-se-á avaliar que a simples observação da quantidade e direção de links não é suficiente (ainda que necessária) para o estudo das interações em redes sociais.

Para esta pesquisa, foram selecionados dois *posts* do blog Martelada publicados em dois sábados subseqüentes entre março e abril de 2007. Cada um deles apresenta um estilo próprio. O primeiro discute um produto da mídia de massa, enquanto o outro é de cunho pessoal. A escolha arbitrária desses dois *posts* levou em consideração o grande número de comentários que apresentavam: aquele recebeu 26 comentários, e este, 24. Os nomes dos comentaristas (excluindo-se aqueles que publicaram como anônimos) foram transcritos na linha superior de uma tabela que foi apresentada para o blogueiro Marcelo Träsel, durante uma entrevista realizada no dia 21 de maio de 2007. A coluna da esquerda da tabela trazia em cada linha 7 questões. Pediu-se ao blogueiro que respondesse cada uma delas levando em conta cada comentarista listado na linha superior da tabela. Esse instrumento encontra-se reproduzido ao final deste artigo (contudo, os nomes dos comentaristas foram omitidos).

As questões buscavam investigar características qualitativas da interação segundo a visão de Träsel de seu relacionamento com as pessoas listadas. As perguntas foram elaboradas no sentido de serem facilmente compreensíveis⁸, afastando-se do contexto conceitual (e, portanto, potencialmente abstrato) e abordando situações hipotéticas cotidianas. Discute-se a seguir cada uma das questões apresentadas. Para facilitar esta exposição, apresentar-se-á as respostas de Träsel sobre apenas 7 pessoas, do total de 34 apresentadas na tabela em anexo.

Além da entrevista de profundidade realizada presencialmente com Marcelo Träsel, que buscou discutir cada elemento disposto na *homepage* do blog Martelada e o relacionamento do blogueiro com os outros listados em seu *blogroll* e com seus comentaristas, outras interações foram mantidas através de e-mail e de mensageiro instantâneo. Essas questões posteriores visaram esclarecer certas dúvidas sobre as respostas no instrumento de pesquisa sobre os blogs listados no *blogroll*. O contato não-presencial, tanto síncrono quanto assíncrono, foi de grande valia para o aprofundamento de algumas questões que haviam ficado pendentes.

Análise dos dados

As primeiras três questões do instrumento de pesquisa abordavam características primárias da comunicação interpessoal, referindo-se à interação em termos de eventos (Fisher e Adams, 1994). Portanto, têm como propósito avaliar o encadeamento das ações no tempo e seu impacto no próprio relacionamento. A primeira característica avaliada na tabela refere-se à *descontinuidade*. Ou seja, as interações sociais entre duas pessoas podem ocorrer com intervalos no tempo. Mesmo os parceiros de relacionamentos duradouros não estão sempre interagindo entre si. Existem períodos em que não há qualquer encontro. Duas pessoas que se consideram boas amigas, por exemplo, não deixam de assim se reconhecer em virtude de uma separação geográfica, mesmo que ela possa durar muito tempo e que elas não se comuniquem no período. Não seria surpreendente que retomem o relacionamento próximo quando se reencontrarem.

Encontre a seguir (TAB. 1) a questão apresentada a Träsel que buscava avaliar o caráter descontínuo de sua relação com os comentaristas listados na tabela.

Tabela 1
Descontinuidade

⁸ As dificuldades encontradas com algumas questões serão também discutidas no item seguinte.

	A	B	C	D	E	F	G
Suponha que você foi trabalhar em outro país, em uma empresa que proibisse você de ter blog, Flickr, orkut. Quando retornasse após um período de 3 anos, você lembraria de avisar esta pessoa que está de volta ao país e que criou um novo blog?	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não

Recorrência foi a segunda característica primária a ser avaliada. Conforme Fisher e Adams (1994), a repetição de processos interativos subsidia ações futuras em situações com alguma semelhança. É preciso destacar, porém, que encontros recorrentes não são suficientes para o desenvolvimento de maior intimidade. Esta característica primária da interação não pode por si só transformar laços fracos em laços fortes. Por exemplo, o morador de um prédio normalmente interage com o porteiro do prédio pelo menos uma vez ao dia. Com o tempo, ambos podem desenvolver padrões conversacionais sobre seus times de futebol favoritos. Com esta alta recorrência desenvolve-se entre eles uma familiaridade sobre temas e comportamentos. Mesmo assim, é provável que o primeiro não tenha interesse em desenvolver uma maior proximidade com o segundo. Trata-se de um padrão também freqüente em ambientes de trabalho: colegas que interagem por várias horas durante a semana, mas que jamais se encontram fora do ambiente profissional, nem se ligam para conversar sobre outros temas.

A tabela 2 apresenta a freqüência com que Träsel interage com estes comentaristas. As respostas do blogueiro consideram apenas os diálogos mantidos fora do blog. A letra *P* indica encontros presenciais e a letra *O* as interações conversacionais online através de interfaces como e-mail, chat, etc. Os números ao lado dessas letras demonstram quantos dias por mês as interações ocorreram.

Tabela 2
Recorrência

	A	B	C	D	E	F	G
Quantas vezes em um mês você conversa com esta pessoa? Presencialmente (P)? Online (O)?	-	P30 - O 30	P2 - O 5	O 5 - P 1	-	P 20 - O 25	O 5

A presença de *sincronia* de Träsel com seus comentaristas foi avaliada a partir da questão reproduzida na tabela abaixo. Esta característica refere-se aos padrões internacionais desenvolvidos no tempo que permitem que cada interagente consiga prever, com chances maior que o acaso, como seu parceiro irá reagir. Ou seja, existe uma alta porcentagem de

acerto na antecipação das ações do outro. Além disso, a competência em compreender que comportamentos são mais apropriados em diferentes situações é próprio de relacionamentos de alta sincronia.

Como se pode ver, Träsel compreende que possui alta sincronia com sua namorada, identificada abaixo pela letra B. Mesmo que não conheça pessoalmente a personagem fake C, o blogueiro entende que em boa parte das vezes ele consegue antecipar as reações da personagem, em virtude de sua participação contínua no blog. Isso demonstra que a sincronia depende da recorrência.

Tabela 3
Sincronia

	A	B	C	D	E	F	G
Qual a chance (0-100%) de você conseguir antecipar as reações desta pessoa em uma conversação?		90	70	70		60	10

As características secundárias da interação interpessoal decorrem daquelas primárias, e se referem a sentimentos que um parceiro tem pelo outro. A primeira dessas características é a *intensidade*. Trata-se, segundo Fisher e Adams (1994), da força ou potência de um relacionamento. Não se pode supor, contudo, que faz-se aqui referência apenas às relações entre cônjuges ou melhores amigos. Dois inimigos, por exemplo, podem manter um relacionamento odioso muito intenso.

Para avaliar a percepção de Träsel sobre a intensidade de seus relacionamentos com os comentaristas selecionados, utilizou-se no instrumento de pesquisa a mesma classificação presente no site orkut.com. Esta escala é apresentada ao interagente quando ele decide “adicionar” outra pessoa em sua rede de amigos. Entretanto, como o orkut permite que uma pessoa rejeite o convite de outra pessoa para ingressar na rede de amigos do primeiro, sugeriu-se ao blogueiro que marcasse um traço caso esse fosse o caso na situação hipotética reproduzida abaixo.

Tabela 4
Intensidade

	A	B	C	D	E	F	G
Ao adicionar esta pessoa no orkut, como você classificaria ela? (1) Melhor amigo; (2) bom amigo; (3) amigo; (4) conhecido; (5) não conheço	1	1	3	3	4	3	4

É importante reconhecer que a questão acima apresenta certos problemas. Diante do exposto anteriormente, a pergunta poderia ter sido mais clara se fosse assim elaborada: *Se esta pessoa lhe convidasse para ser sua amiga no orkut, que atitude você tomaria? Classificaria ela como (1) Melhor amigo(a); (2) bom amigo(a); (3) amigo(a); (4) conhecido(a); (5) não conheço; ou simplesmente (0) recusaria o convite.* Por outro lado, a questão ainda assim não poderia avaliar relacionamentos de ódio recíproco, que poderiam ser classificadas como de alta intensidade.

Para a avaliação da *intimidade* busca-se observar quão próximos são os interagentes; que familiaridade existe entre eles. Como trata-se de uma característica de difícil mensuração, pediu-se que o entrevistado reagisse diante da seguinte situação hipotética: *Qual o mínimo de convidados que sua festa de aniversário deveria ter para que esta pessoa fosse convidada?* Partindo-se do pressuposto que convites para festas de aniversário normalmente são baseados na intimidade que se tem com os convidados, entendeu-se que esta poderia ser uma situação que poderia ser utilizada para uma aproximação de quão íntima é a relação de Träsel de seus comentaristas, segundo sua própria avaliação.

Tabela 5
Intimidade

	A	B	C	D	E	F	G
Qual o mínimo de convidados que sua festa de aniversário deveria ter para que esta pessoa fosse convidada?		1	45	15	40	20	30

Já a característica de *confiança* pode ser abordada avaliando-se quanto cada parceiro aceita correr riscos em virtude do outro. Como lembram Fisher e Adams (1994), os relacionamentos são dinâmicos e envolventes e, portanto, são frágeis. Existe sempre o risco de que o outro pode não corresponder com as expectativas acordadas. Nesse sentido, a confiança emerge a partir do conhecimento de tal possibilidade. Quanto à *reciprocidade* (uma característica primária não avaliada nesta pesquisa) é preciso salientar que a confiança pode ser muito recíproca (João confia em Maria que confia nele) ou apresentar um baixo grau de reciprocidade (João confia em Maria que, pelo contrário, não confia nele). Além disso, a confiança pode ser restrita a certos contextos interpessoais. Isso significa que o morador, do exemplo anterior, pode confiar na honestidade do porteiro em guardar objetos de valor. Por outro lado, o primeiro não confiaria certos segredos sobre assuntos familiares ao segundo.

Para avaliar-se a confiança de Träsel nos comentaristas selecionados apresentou-se a ele uma situação hipotética de empréstimo monetário, considerando que trata-se de uma situação que exige confiança no outro.

Tabela 6
Confiança

	A	B	C	D	E	F	G
Quantos reais você emprestaria para esta pessoa, se tivesse R\$5mil economizados?	-	5000	0	1000	0	500	0

Finalmente, a última característica secundária de interações interpessoal a ser avaliada é a de *compromisso*. Trata-se da dedicação de cada interagente ao relacionamento compartilhado e a sua própria continuidade. O que demonstra uma identificação dos sujeitos com o relacionamento mantido. De acordo com Fisher e Adams, relacionamentos de maior compromisso tem maior probabilidade de resistir a períodos adversos. Pode-se inclusive inferir que relacionamentos longos apresentam alto grau de compromisso. Os autores comentam, contudo, que o compromisso mútuo não garante necessariamente alta intimidade. Para ilustrar esse dado, lembram que alguns casamentos duradouros podem exibir compromisso, mesmo que o casal já não mantenha a mesma intimidade⁹ que no passado.

O instrumento de pesquisa apresentado ao entrevistado trazia uma situação extrema, buscando investigar como ele percebia seu compromisso com a pessoa listada. A questão e suas respostas são reproduzidas a seguir.

Tabela 4
Compromisso

	A	B	C	D	E	F	G
Você fica sabendo que esta pessoa está deprimida e deverá ficar hospitalizada por 30 dias. Neste período, por quantas noites você estaria disposto a dormir no hospital, fazendo companhia para ela?		30	0	-	0	0	0

De fato, todas as questões aqui relatadas podem apenas permitir uma aproximação dos padrões sociais investigados. A rigor, não se pode quantificar com alguma precisão nenhuma das características interacionais discutidas. Ora, comportamentos recíprocos como intimidade, confiança e compromisso não podem ser matematizados, tendo em vista sua complexidade. Além disso, eles variam no tempo e em diferentes situações de comunicação. A última

⁹ Fisher e Adams (1994) alertam que intimidade não pode ser confundida com relações erotizadas.

questão relatada sofre justamente dessa limitação. A decisão de acompanhar um paciente durante a noite em um hospital depende de diversos fatores, como transporte, agenda profissional e até mesmo do conforto oferecido pela instituição.

Enfim, buscou-se operacionalizar as características qualitativas das interações interpessoais através de situações hipotéticas¹⁰, diante das quais o entrevistado pudesse refletir sobre seus relacionamentos. Caso os conceitos tivessem sido apresentados apenas através de suas definições, provavelmente os resultados seriam outros. Sendo assim, entende-se que a operacionalização conduzida no instrumento de pesquisa mostrou-se adequada aos propósitos desta investigação, apesar dos limites deste tipo de avaliação de processos sociais. Enfim, mesmo que se houvesse multiplicado o número de questões para cada conceito, ainda assim não seria possível capturar toda a complexidade relacional em uma dada situação histórico.

Discussão

A reflexão sobre os dados coletados fará uso do método e terminologia propostos em artigo anterior (Primo, 2006) para a análise do aspecto relacional das interações interpessoais em redes sociais mediadas por computador. O blogueiro Träsel será aqui referenciado como *eu*. Os interagentes B, C e D serão considerados *tu*, levando-se em conta a percepção do blogueiro sobre seu relacionamento com aqueles comentaristas. Este julgamento partiu principalmente do cruzamento das respostas obtidas nas questões 4, 5 e 6 do instrumento de pesquisa. Ou seja, *tu* é um amigo, muito mais que um conhecido, com quem *eu* mantém interações intensas, íntimas e de confiança. Trata-se de um padrão reconhecível no cruzamento dos dados, mesmo que existam variações nos valores apontados pelo entrevistado a cada comentarista. Com a interagente B¹¹, por exemplo, *eu* mantém um relacionamento de alta intimidade, confiança e de muita recorrência. Já o comentarista D é considerado pelo blogueiro como um bom amigo — uma grande intimidade apesar de conversarem muito pouco durante o mês (aproximadamente umas 5 vezes através do mensageiro instantâneo GTalk e 2 vezes presencialmente). Percebe-se que a manutenção de grande intimidade não depende de alta recorrência.

Já os relacionamentos de *eu* com E e G possuem pouca intensidade, intimidade e confiança. A partir dos resultados apresentados, classifica-se aqui cada um destes interagentes como *ele*. Mas, como pode-se observar nas tabelas, *eu* vê diferenças entre E e G. Apenas o

¹⁰ Considerados, claro, os limites relatados desta investigação (prática que todo relatório de pesquisa deveria apresentar).

¹¹ Trata-se da namorada de Träsel (revelação autorizada pelo entrevistado).

último seria convidado para a festa hipotética proposta na questão 5. De toda forma, ambos os relacionamentos apresentam muito pouca sincronia, confiança e compromisso.

A característica relacional de *reciprocidade* não pôde ser avaliada, já que apenas um dos participantes do relacionamento foi entrevistado. Mesmo assim, vale lembrar que relações entre *eu* e *eles* podem apresentar alta reciprocidade. Ou seja, todos os envolvidos preferem manter o distanciamento que caracteriza a relação. Logo, ao observar-se links recíprocos entre duas pessoas em uma rede social, não se pode inferir que encontra-se ali um laço forte. Nem mesmo se os encontros repetem-se com frequência (recorrência)¹².

No *blogroll* de *eu*, por exemplo, não se pode supor que todos links recíprocos representem fortes amizades. Ao consultar-se o blogueiro sobre esses links recíprocos identificados em seu *blogroll* e no da pessoa “linkada”, o entrevistado aponta que pelo menos uma delas não passa de um conhecido.

Com relação ao extenso *blogroll* do Martelada, questionou-se Träsel porque essa lista é dividida em seções. Por exemplo, muitos dos comentaristas freqüentes no Martelada, e que mantém blogs na comunidade *insanus*, são listados sob a seção “Camaradas”. Segundo ele, como a identidade visual de seu blog segue uma temática soviética, os títulos das seções que organizam os *outlinks* do *blogroll* também acompanham o mesmo padrão. Nesse sentido, o título “Camaradas” é utilizado pelo entrevistado para referir-se aos seus amigos e colegas na comunidade. Conforme a terminologia proposta, este grupo coeso constituiria o *nós*, do ponto de vista de *eu*.

Por outro lado, muitos dos comentaristas dos dois *posts* analisados não mantém relações íntimas ou intensas com o blogueiro. Mesmo que alguns apresentem alta recorrência nesse espaço interativo, conforme se pôde constatar, essa participação continuada não repercutiu na avaliação de Träsel sobre seu relacionamento com essas pessoas. Logo, ao analisar-se as interações na janela de comentários, pode-se concluir que ali *eu* se comunica com *nós/todos*. Como nesse grupo nem todos se conhecem ou mantém relações intensas, a sincronia fica prejudicada.

Träsel, ao ser questionado se percebe algum compromisso em participar dos blogs de novos interagentes que se manifestem na janela de comentários do Martelada, respondeu: “Não, quase nunca. Em geral, eu respondo no meu blog mesmo, se for o caso. Eu só entro no

¹² Conforme apontado no artigo anterior (Primo, 2006, p. 8-9), “Com o tempo, *ele* pode se tornar *tu*, em virtude da evolução dos atos interativos que passam a dar novo significado para a natureza do relacionamento construído”.

blog do comentarista quando ele deixa um recado dizendo que entrou pela primeira vez no Martelada e me convidando para conhecer o blog dele, ou quando escreve algo bom o suficiente para que eu fique interessado em saber mais sobre a pessoa”. Mais uma vez pode-se concluir que mesmo que haja recorrência de participação, essa característica interacional não cria por si só um compromisso entre os interagentes, nem tampouco amplia a intensidade do relacionamento.

Algumas conversações mantidas com parceiros mais próximos, por sua vez, acabam por “escorrer” para outros lugares. Esses *fluidos conversacionais* (Primo e Smaniotto, 2006b) atravessam diferentes temporalidades, situações comunicacionais e tecnologias¹³. As interações conversacionais entre esses parceiros, portanto, podem ser *intra-blogs* (na janela de comentários do Martelada), *inter-blogs* (interligando o Martelada e outros blogs) e *extra-blogs* (via e-mail ou na mesa de um bar, por exemplo)¹⁴. Como os programas que mapeiam automaticamente links em blogs e entre eles não podem reconhecer os fluidos conversacionais extra-blogs, a análise desses processos sociais fica prejudicada.

Durante as entrevistas realizadas, Träsel também discutiu suas relações com comentaristas que assumem identidades diferentes e até desempenham papéis ficcionais. Esses interagentes serão aqui referidos por */fake*. Dois deles (A e C) foram analisados nas tabelas anteriores. E, ao contrário do que se poderia pensar, um *ele/fake*¹⁵ não é necessariamente alguém que visa prejudicar os debates. Ao passo que A de fato busca provocar e perturbar *eu*, protegido por um nome falso, que lhe serve de disfarce e proteção, C tem uma significativa importância para as interações no Martelada. Como se pode perceber nos dados coletados, *eu* demonstra que apesar de não conhecer C pessoalmente, seu relacionamento com este personagem foi ganhando intensidade e sincronia com o tempo. Apesar dos comentários deste */fake* caracterizarem-se pela crítica irônica e muitas vezes sarcástica, *eu* reconhece a inteligência de seus argumentos. Observa-se, portanto, que o interagente */fake* C desempenha um papel dinamizador entre *nós/todos*. Esta personagem (que apesar do *nick* feminino, é criação de um homem) também tem participação significativa em outros blogs da comunidade *insanus*, e naqueles de outros comentaristas frequentes no Martelada.

¹³ Esta observação se baseia na discussão sobre “conversas tangenciais” de Efimova e de Moor (2005).

¹⁴ Para uma maior discussão sobre esses tipos de conversação no contexto da blogosfera, ver Primo e Smaniotto (2006b).

¹⁵ Utiliza-se aqui a forma *ele/fake*, pois *eu* ou *tu* também podem assumir uma identidade falsa para interagir. Ou seja, quer-se aqui não apenas demonstrar a máscara utilizada na interação, como também a característica relacional do relacionamento de *eu* com aquele interagente.

É pertinente comentar que às vésperas da banca de mestrado de Träsel, a personagem C deixou recados bem humorados nas páginas no orkut de alguns membros da banca, “ameaçando-os” caso o blogueiro não recebesse uma boa avaliação. Isso demonstra uma interessante relação de admiração mútua, que desenvolveu-se neste caso através de interações recorrentes, apesar de *eu* e */fake* jamais terem conversado presencialmente e apenas em uma oportunidade o segundo manteve uma breve conversação extra-blog com o primeiro apresentando-se sem assumir aquele papel ficcional. Ou seja, é preciso analisar a historicidade das interações para a análise de relacionamentos de redes sociais. Como se vê, a mera análise estatística de links e da circulação de dados não permite que as dimensões qualitativas do aspecto relacional da comunicação se revelem. Além disso, o estudo de apenas um momento da rede, como um retrato estático, não permite que a historicidade do processo possa ser considerada. Tampouco abre espaço para que certos pressupostos equivocados possam ser ultrapassados (por exemplo, sobre a inserção de */fakes* em interações online).

Além dessas interações conversacionais, *eu* ainda tem contato com *it* e com a *coletividade*. Nenhum desses dois interagentes pode ser identificado com uma pessoa. Conforme a terminologia aqui adotada, o pronome indefinido inglês *it* é utilizado para a referência de mecanismos automatizados de envio de mensagens (*spam*, por exemplo). Apesar da comunidade *insanus* utilizar um filtro para a eliminação dessas mensagens comerciais, algumas não são detectadas e acabam sendo publicadas na janela de comentários. Muitos deles trazem elogios em inglês e apresentam um link para um site comercial. Outros, apenas publicam uma grande lista de links, muitos apontando para páginas pornográficas. Essas mensagens são criadas, claro, por uma pessoa, mas são absolutamente impessoais e enviadas para uma lista indiscriminada de blogs, cujos endereços são reunidos por programas rastreadores. Ou seja, não existe a construção de um relacionamento entre *eu* e *it*, de impacto recursivo sobre eles. De todo modo, o interagente *it*, peculiar de interações online, precisa ser identificado pois o link que ele estabelece não possui caráter social.

Cabe agora discutir a colaboração de *eu* com o “macro-interagente” *coletividade*. Conforme discutido anteriormente (Primo, 2006), a *coletividade* é constituída por *vós* (um conjunto de “*tus*”), *eles*, pelo próprio *eu* e pela estrutura informática de interconexão e estoque (*it*). A *coletividade* caracteriza-se pela produção e circulação de bens públicos. Tal processo coletivo é facilmente identificado em serviços como Wikipédia e redes P2P. Este

interagente, sem face ou nome, é um agente coletivo que emerge a partir da interação de um conjunto de pessoas e tecnologias.

Durante a entrevista presencial com Träsel, buscou-se analisar cada elemento presente na interface do blog Martelada. Na coluna da direita, encontram-se três imagens que demonstram o compromisso de *eu* com a *coletividade*. Ao ser questionado sobre porque expunha o logotipo da *Creative Commons*, o blogueiro informou que “é para as pessoas saberem que podem usar as coisas que eu publico desde que citem a fonte”. Segundo ele, todo o conteúdo do blog é público e pode ser utilizado livremente. Até mesmo a cópia e reprodução de todo o blog é permitida, desde que a autoria seja demonstrada. Esta postura demonstra a percepção de *eu* sobre sua participação na produção e compartilhamento de bens públicos. O uso da licença *Creative Commons* também demonstra a confiança de *eu* que suas colaborações serão utilizadas conforme a regulamentação acordada, ainda que nenhum documento seja formalmente assinado.

As outras duas imagens demonstram outras formas de interação de *eu* com a e na *coletividade*. A justificativa relatada para a inclusão da logomarca e link do navegador Firefox foi a seguinte: “Para colaborar. (...) Para espalhar para mais pessoas usarem. (...) Se eu estou usando algo de graça que foi feito por outras pessoas, o mínimo que eu posso fazer é espalhar, tentar divulgar”. Já a inserção da imagem de um mantra tibetano tem como razão a espiritualidade do blogueiro. Segundo ele, os budistas consideram que cada *load* da página constitui uma repetição do mantra.

Nestes três casos relatados, *eu* não interage com ninguém em específico, mas com todo um conjunto de agentes que compõe esta abstração que é aqui chamada de *coletividade*. Contudo, em virtude das características específicas da *coletividade*, não é possível avaliar-se algumas características como sincronia, intensidade e intimidade. Ora, trata-se de um macro-interagente com quem *eu* ao mesmo tempo interage e do qual faz parte. Diante desta situação complexa, e para alguns olhares até paradoxal, os programas utilizados para a análise de redes sociais não podem detectar este tipo de interação, cuja prática e importância social é uma marca da cibercultura.

Finalmente, discute-se agora as interações de *eu* com */oculto* e */anônimo*. No momento da redação deste artigo, o blog Martelada tinha cerca de mil *page views* (o número de vezes

que uma mesma página foi visitada) diários, e em média 650 *hits* únicos¹⁶. Não raro *posts* deste blog chegam a atingir 30 comentários, um número bastante alto para um blog pessoal. O cruzamento desses dados, contudo, demonstra que apenas uma pequena minoria dos leitores decidem se manifestar nas janelas de comentários. Ou seja, a maior parte dos frequentadores do blog atuam como */ocultos* (ou conforme o jargão da internet, como *lurkers*). Isto é, seus acessos podem ser quantificados, mas eles não se mostram para *eu*, expondo suas opiniões através da interface de comentários ou de e-mails (apesar do endereço eletrônico de *eu* ser publicado na parte superior do blog). Mesmo assim, pode-se inferir que os */ocultos* podem ter um papel motivacional importante. Como existem diversas ferramentas gratuitas para a quantificação de acessos, um blogueiro pode ter o incremento de visitas como incentivo para continuar “postando” (ainda que silenciosas).

Por outro lado, existem interagentes que se manifestam explicitamente, mas não assinam seus nomes ou *nick* (deliberadamente ou não). Estas pessoas são aqui denominadas de */anônimos*. Para *eu* é muito difícil diferenciar os diferentes */anônimos* e reconhecer a historicidade da interação, pois tem poucas pistas (ou nenhuma) se tais comentários são de um mesmo */anônimo* ou de mais pessoas sem identificação.

Conclusões

Este artigo buscou mostrar a diversidade de interagentes com quem um mesmo blogueiro interage e os diferentes relacionamentos mantidos. Enquanto algumas relações não diferem muito daquelas presenciais, outras nem podem existir nestes contextos.

Entende-se que o procedimento metodológico proposto possa contribuir para o estudo relacional das interações em rede, qualificando o que em análises de redes centradas em *ego* (*ego-centered networks*)¹⁷ se chama apenas de *alter*. Para além das dicotomias *ego/alter* e laços fracos/laços fortes, procurou-se aqui demonstrar a variedade de relacionamentos que um interagente pode estabelecer e manter com tantos outros.

Referências

BARABÁSI, Albert-László. *Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life*. Nova Iorque: Plume, 2003.

BATESON, Gregory. **Mind and nature: a necessary unity**. Nova Iorque: Bantam New Age Books, 1980.

¹⁶ Este índice busca quantificar o número de pessoas que acessam o site, sem repetir a contagem quando a mesma pessoa visita o site mais de uma vez.

¹⁷ Trata-se de uma rede pessoal cuja análise parte de um indivíduo central (chamado de *ego*).

FISHER, B. Aubrey; ADAMS, Katherine. **Interpersonal Communication: Pragmatics of Human Relationships**. 2. Ed. McGraw Hill, 1994.

Felinto, Erick . Os Computadores também Sonham? Para uma Teoria da Cibercultura como Imaginário. **InTexto**, v. 15, p. 3, 2006.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, n. 78, Maio de 1973:. P. 1360-1380.

MARLOW, Cameron. Audience, structure and authority in the weblog. In: International Communication Association Conference, 2004, New Orleans, LA. **Anais...** New Orleans, LA, Maio 2004.

PRIMO, Alex . O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais**, 2006.

PRIMO, Alex ; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . A conversação na comunidade de blogs insanus. **e-Compós**. Brasília, n. 5. Abril. 2006a. Disponível em: http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/abril2006_alex_ana.pdf

PRIMO, Alex ; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Comunidades de blogs e espaços conversacionais. **Prisma.com**, v. 3, p. 1-15, 2006b. Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/artigos/14_alex_primo_e_ana_smaniotto_prisma.php

PRIMO, Alex . ; RECUERO, Raquel da Cunha . Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. **Fronteiras Estudos Midiáticos**, v. VI, n. 1, p. 91-113, 2004.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de tipologia baseada no Fotolog.com**. Tese de Doutorado. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação em dezembro de 2006.

ROGERS, L. Edna. The meaning of relationship in relational communication. In: CONVILLE, R. L.; L. E. ROGERS (Eds.). **The meaning of "relationship" in interpersonal communication**. Westport: Praeger, 1998. p. 202.

SCOTT, John. **Social network analysis: a handbook**. Londres: Sage, 2000.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 1967. 263 p.